



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE – IEAA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL I

HUMAITÁ-AM
2020

RAIMUNDA ROSA ADE AGUIAR TRINDADE

A REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da UFAM, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Isabel Alonso Alves

HUMAITÁ-AM
2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T833r Trindade, Raimunda Rosa Ade Aguiar
A representação cartográfica nos Anos iniciais do ensino fundamental I / Raimunda Rosa Ade Aguiar Trindade, Maria Isabel Alonso Alves. 2020
50 f.: 31 cm.

Orientadora: Maria Isabel Alonso Alves
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Representação Cartográfica. 2. Anos iniciais. 3. Ensino Fundamental. 4. Ensino de Geografia.. I. Alves, Maria Isabel Alonso. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

RAIMUNDA ROSA ADE AGUIAR TRINDADE

A REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL I

Monografia submetida à Comissão Examinadora designada pelo curso de Graduação em Pedagogia em 17/11/2020, como requisito parcial para obtenção o grau de licenciado e Pedagogia.

Aprovado aos 3 dias do mês dezembro do ano de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Isabel Alonso Alves
Instituição: Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – UFAM

Membro: Profa. Dra. Rozane Alonso Alves
Instituição: Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – UFAM

Membro: Profa. Dra. Simone de Oliveira Alencar
Instituição: Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – UFAM

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo Dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui.

Ao meu pai José Barbosa por estar ao meu lado me incentivando, acreditando que seria capaz de desenvolver os meus trabalhos com sabedoria e dedicação.

Aos meus filhos amados que são a minha base de apoio, de carinho e muito amor.

Aos meus irmãos que são fonte de inspiração, confiança e muita parceria em todos os momentos da vida.

Ao meu esposo por compreender minhas ausências em muitos momentos importantes em família.

A orientadora Maria Isabel pela dedicação, compromisso e sua amizade ao longo do desenvolvimento do meu projeto.

Aos Colegas do curso que juntos conseguimos ultrapassar barreiras e desafios que a vida acadêmica nos propôs no decorrer do curso.

Aos professores que ensinaram e orientaram ao longo do curso com destreza, paciência e profissionalismo na minha formação profissional.

A escola que acolheu a minha pesquisa com cooperação e apoio, como também as professoras que se disponibilizaram em responder os questionários que deram base a partir de suas respostas para as análises deste trabalho.

Dedico este TCC primeiro a Deus, pois sem ele não teria força necessária para concluir este trabalho. Como também aos meus filhos, pai e irmãos que sempre estiveram lutando por meu sucesso, não me deixando desistir dos meus objetivos, me apoiando e me incentivando nessa longa jornada. Em especial a minha orientadora Maria Isabel por seu apoio e dedicação em todo o processo do desenvolvimento deste trabalho.

O geógrafo

É muito raro um oceano secar, é raro uma montanha se mover....

O geógrafo sabe toda a teoria, mas não aplica seus conhecimentos. Nunca sai da sua mesa para explorar as descobertas. Como um bom burocrata, declara que isso é trabalho de outra pessoa. É ele quem recomenda ao pequeno príncipe que visite o planeta Terra. E deixa o principzinho abalado quando lhe conta que sua flor é efêmera. É justamente por nunca ter aplicado seus conhecimentos que o geógrafo não percebe o efeito que aquele conceito gera no coração do principzinho. O excesso de conhecimento associado à falta de empatia e vivência pode ser um comportamento igualmente danoso.

(O pequeno príncipe).

RESUMO

O presente trabalho de Conclusão de Curso foi desenvolvido no âmbito do Curso de Pedagogia da UFAM/IEAA, cujo objetivo foi investigar as práticas e metodologias pedagógicas trabalhadas na disciplina de Geografia no Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal de Humaitá/AM. A pesquisa é de natureza qualitativa para a qual foram gerados dados a partir da aplicação de questionários destinados aos participantes, sendo, duas professoras da Rede Municipal do Ensino Fundamental I. Foram utilizados como aporte teórico para esta pesquisa, autores que discutem o ensino de geografia nos anos iniciais, sendo: Flores (2018), Fernandes (2020), Smith e Strick (2007), Santos(2006) e Queluz e Alonso (2003). Também nos pautamos em documentos oficiais que orientam os conteúdos escolares, como: PCNs (1997) e BNCC (2018) entre outros. Os resultados apontam que, apesar de as professoras se sentirem realizadas enquanto sua docência, precisam lidar com a desvalorização e desafios encontrados no Ensino de Geografia. As respostas das professoras mostram que estas gostam da docência e se mostram entusiasmadas em ensinar geografia. Foi constatado ainda que as professoras dizem se sentir motivadas e que sua maior motivação é poder ver seus alunos avançarem no seu aprendizado e ensino. Foi possível afirmar que ambas utilizam em suas aulas materiais e didáticas de acordo as orientações de documentações oficiais como os PCN's e a BNCC, entre outros. Com base nas respostas das docentes pesquisadas, há indícios de que as professoras buscam trabalhar os conteúdos de geografia relacionando teoria à vida cotidiana de seus alunos, e buscam seguir as orientações oficiais direcionadas ao ensino de geografia nos anos iniciais.

Palavras-chave: Representação Cartográfica. Anos iniciais. Ensino Fundamental. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The present work of Course Conclusion was developed in the scope of the Pedagogy Course of UFAM/IEAA, whose objective was to investigate the pedagogical practices and methodologies worked in the subject of Geography in Elementary School I in a Municipal School of Humaitá/AM. The research is of a qualitative nature for which data were generated from the application of questionnaires intended for participants, being two teachers of the Municipal Network of Elementary School I. Authors who discuss the teaching of geography in the initial years were used as theoretical input for this research, being: Flores (2018), Fernandes (2020), Smith and Strick (2007), Santos (2006) and Queluz e Alonso (2003). We also follow official documents that guide the school contents, such as: PCNs (1997) and BNCC (2018) among others. The results show that, although teachers feel fulfilled while teaching, they need to deal with the devaluation and challenges encountered in the Teaching of Geography. The teachers' responses show that they enjoy teaching and are enthusiastic about teaching geography. It was also found that teachers say they feel motivated and that their greatest motivation is to see their students advance in their learning and teaching. It was possible to affirm that both of them use in their classes materials and didactics according to the guidelines of official documents such as PCN's and BNCC, among others. Based on the answers of the researched teachers, it is possible to affirm that there are indications that the teachers seek to work on the contents of geography relating theory to the daily life of their students, and seek to follow the official guidelines directed to the teaching of geography in the initial years.

Key Words: Cartographic Representation. Initial years. Elementary School. Teaching of Geography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IEAA - Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CF - Constituição Federal

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

USP - Universidade de São Paulo

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E ORIENTAÇÕES LEGAIS	15
1.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PÚBLICA	18
1.2 OS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: ASPECTOS LEGAIS	21
CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS NA PESQUISA	29
2.1 LOCAL DA PESQUISA	31
2.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	33
O ENSINO DE GEOGRAFIA EM HUMAITÁ: RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
3.1 – MOTIVAÇÕES PESSOAIS NO TRABALHO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS	34
3.2 - O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE	36
3.3 - DESAFIOS DOCENTES FRENTE AO ENSINO DE GEOGRAFIA	38
3.4 – A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA	39
3.5 - ORIENTAÇÕES DOS DOCUMENTOS OFICIAIS VOLTADOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA E A PRÁTICA DOCENTE	40
3.6 - O TEMPO DESTINADO AOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA	42
3.7 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE CONSIDERAM A REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA	43
3.8 - A REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA NA PERCEPÇÃO DOCENTE	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso intitulado “A representação cartográfica nos anos iniciais do ensino fundamental I” foi pensado a partir das observações feitas durante o processo formativo no Curso de pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM, especificamente na disciplina Metodologia do Ensino de Geografia nos Anos Iniciais, momento que ocorreram reflexões sobre a prática do ensino de geografia que levam em consideração a leitura de mapas e/ou cartografias, levando ao entendimento de que muitos alunos chegam a vida adulta com dificuldade de ler e interpretar os mapas, ou seja, tornam-se adultos analfabetos cartográficos ou sem pequenas noções essenciais básicas de orientações geográficas para o seu cotidiano, entre outros, e, que essa deficiência se dá por um ensino não aprofundado/adequado nos anos iniciais sobre a cartografia e seus conceitos geográficos.

Assim, esta experiência na universidade contribuiu para que pudesse idealizar essa pesquisa cujo, a relevância, está na possibilidade de ampliar os conhecimentos sobre a forma como ocorre o ensino de geografia para os anos iniciais do ensino fundamental, especificamente a abordagem dos conteúdos que tragam a cartografia – leitura e interpretação dos mapas no contexto escolar de Humaitá, especificamente na Escola Municipal.

Cabe lembrar que a escolha da temática se deu no âmbito pessoal, no qual recorro às memórias sobre meu processo escolar, especificamente relacionada a disciplina de Geografia.

Lembro que minhas aulas de Geografia eram muito tradicionais, onde apenas se reproduzia textos tirados dos livros para que pudéssemos estudar para os testes e provas, sem muita explicação ou reflexão dos conteúdos ministrados, cujo aprendizado era algo mecânico, assim o ensino dos fatos geográficos tornava-se vazio e sem conexão com a realidade vivenciada ao nosso redor. Apenas em poucos momentos, as aulas eram diferenciadas, pois a professora pedia para transcrever em uma folha de A4 o desenho de um determinado mapa, dessa maneira, contornar o mapa de um livro, pintar as partes com as cores que estavam no livro e escrever os nomes de cada região abrangia o diferencial no aprendizado de Geografia. Nessa perspectiva, não éramos instigados pensar, observar ou até mesmo sermos críticos com o que era nos ensinado.

A partir dessa reflexão, é possível perceber a importância do ensino das Representações Cartográficas já nos anos iniciais, visto a grande diversidade de práticas didáticas possíveis de serem trabalhadas a partir da cartografia, para que desperte nos educandos a curiosidade geográfica, visando meios de explicar a representação e os

conteúdos de diversas maneiras, buscando complementar o ensino com o que os alunos já possuem no seu cotidiano, por exemplo, explorar o mapa do seu quarto, de modo a identificar a localização dos objetos, levá-los a pensar o caminho de casa até a escola, tendo alguns pontos de referências tais como mercado, praça, farmácia. O espaço da sala de aula, o que fica à direita ou esquerda, o que está em cima ou embaixo. O desenho do contorno do corpo no chão fazendo comparações com os dos colegas e dos outros, entre outras práticas reflexivas que podem ser realizadas no âmbito da disciplina da geografia.

Neste entendimento, o Ensino de Representações Cartográficas não se limita ao mapa, mas em tudo que envolve o espaço do ser humano, cuja relevância, está na busca de propostas de atividades que levem a formar cidadãos pensantes, críticos e conscientes, como também na busca de novos recursos que possam despertar o gosto pela disciplina de Geografia.

Partindo de minhas reflexões e das minhas memórias sobre o Ensino de Geografia, especificamente a abordagem dos conteúdos da cartografia – leitura e interpretação dos mapas surgiram alguns questionamentos: Como ocorre o ensino de Geografia no Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Humaitá? Que perfil possuem os professores que ministram a disciplina de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola investigada? Quais conteúdos de Geografia são ministrados na Rede Municipal de Ensino?

Tendo como base os questionamentos postos, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral investigar as práticas dos conteúdos de Geografia no Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal de Humaitá/AM. Como objetivos específicos elencamos: a) levantar o perfil dos docentes que ministram a disciplina de Geografia no Ensino Fundamental I; b) analisar se os conteúdos abordados levam em consideração as orientações dos PCN's e dos documentos oficiais voltados ao ensino de Geografia, c) identificar que orientações didáticas norteiam a prática pedagógica dos professores que ministram a disciplina de Geografia na escola investigada e d) verificar a concepção que os professores do ensino fundamental I possuem sobre representação cartográfica.

Para dar conta dos objetivos elencados, organizamos algumas questões norteadoras que nos ajudaram a levantar os dados analisados, são elas: a) Com que frequência o uso do mapa é utilizado nas aulas? b) Qual a motivação repassada aos alunos para aprenderem a utilização de mapas? c) Quais as dificuldades que os alunos têm em lidar com mapas em relação ensino e aprendizagem? d) Quais atividades são realizadas usando o mapa como material didático nas aulas? e) Quais são os métodos utilizados pelo professor para que os alunos representem o concreto, ou seja, seus conhecimentos cotidianos dos mapas? e) Qual é o tempo destinado para elaboração das atividades executadas em sala de aula sobre os mapas

cartográficos? f) Quais os principais obstáculos enfrentados pelo professor da disciplina nas proposições de atividades que tenham como objetivo os conteúdos de geografia pela escola? g) que concepção os professores que ministram a disciplina de geografia possuem sobre representação cartográfica? Tais questões compõem o conjunto de dados levantados junto aos sujeitos investigados neste TCC.

Com relação à metodologia, foram utilizados para desenvolvimento deste trabalho uma pesquisa de cunho qualitativo com base em Minayo (2002), Gonsalves (2007) e Chizzoti (2008). Para o embasamento teórico, autores que abordam o tema, além de um conjunto de orientações legais que trazem os conteúdos de geografia como foco. As orientações legais têm como suporte PCN'S (1997) e a BNCC (2018).

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi organizado em três seções, sendo, a partir da introdução, temos a primeira seção com o título *A Representação Cartográfica Dos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental I: aspectos históricos* no qual discorremos sobre a história o ensino de geografia no Brasil, o ensino de geografia na escola pública e os conteúdos de geografia nos anos iniciais, bem como os aspectos legais que orientam os conteúdos de geografia, especificamente, aqueles relacionados à cartografia – leitura e interpretação de mapas.

Com o título *Os caminhos metodológicos percorridos na pesquisa*, a segunda seção mostra o aporte teórico-metodológico, bem como, a descrição dos passos percorridos no levantamento e análise dos dados. Também nesta seção mostramos os sujeitos e o local da pesquisa. Na terceira seção intitulada *A representação cartográfica dos anos iniciais do ensino fundamental I: resultados e discussões*, apresentamos os resultados e as discussões possíveis acerca dos dados produzidos juntos aos sujeitos da pesquisa. Por último apresentamos as considerações finais (sempre parciais) sobre o trabalho.

SEÇÃO 1

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E ORIENTAÇÕES LEGAIS

O ensino de geografia, no decorrer da história do Brasil, tem passado por mudanças significativas. As mudanças na forma de ensinar geografia têm sido muito importantes, principalmente se considerarmos que há uma relação entre o que se aprende na escola com as ocorrências cotidianas na vida dos estudantes, bem como entender que os alunos precisam estabelecer relações entre os conteúdos escolares e sua aplicabilidade na prática. Para tanto, cabe refletir que há a necessidade de incluir novos recursos didáticos e novas linguagens nos contextos de salas de aula, de modo que tais práticas possam ampliar o conhecimento, ou seja, a aula de geografia deve expandir os “muros” da escola, pode ir além dos conteúdos memorativos e desconectados das vivências e percepções do e sobre o mundo.

Esta forma de ver a geografia, em meio aos seus processos de mudança no contexto escolar, tem sido considerada uma ciência que se preocupa em compreender, tanto os aspectos dos diferentes lugares geográficos, como também as maneiras de se desenvolver dos sujeitos, seja em sua forma de ver a economia, o ambiente, a política, a natureza, dentre outros aspectos. Flores (2018, p. 12) define o conceito de geografia da seguinte forma:

A Geografia, que etimologicamente é a descrição da Terra, é um ramo da ciência tão antigo quanto a história do homem na Terra. É uma disciplina cheia de complexidades e polêmicas, isso porque, para seguir em seu processo evolutivo, o homem teve que conhecer a natureza, representá-la e transformá-la, como forma de sobreviver e reproduzir-se socialmente. A geografia ganha importância à medida que contribui para a trajetória humana [...].

Flores (2018) vem ressaltar que a geografia sempre esteve ligada a terra e ao homem nesse processo evolutivo, muitos foram as transformações que a natureza vem sofrendo. É nesse sentido de expansão da mesma e do conhecimento cada vez mais avançado da humanidade, que está vem contribuindo para o entendimento das transformações humanas, além de orientar acerca da descrição da terra e contribuir nesse processo de desenvolvimento geográfico, econômico, cultural, local e entre outros.

É nesse viés de contribuição geográfica que a geografia passou por um processo de interpretação do espaço, visando solucionar uma série problemas envolvendo a humanidade e seu planeta, ou seja, durante toda a evolução da sociedade a geografia sempre esteve presente, visando explicar em diferentes momentos, tais condições e necessidades históricas de cada acontecimento. A este respeito, Fernandes (2020?, n. p.) afirma que,

A Geografia, assim como outras ciências, foi marcada por um processo permanente de interpretação do espaço, seu objeto maior, e de busca de soluções para problemas observados na sociedade, tendo sido marcado este processo pelas condições e necessidades dos diferentes momentos históricos. [...] que passou a ser analisada a partir da relação entre a sociedade e a natureza mediada pelo trabalho humano.

Vale destacar que a geografia vem ganhando espaço na sociedade em seus momentos históricos, de modo a representar e analisar de perto tanto as condições quanto as necessidades, de cada acontecimento. Assim, a geografia acaba colaborando para estudos de cada situação e época, levando em conta a interpretação do espaço estudado, seus acontecimentos e mudanças ocorridas, sendo que o tempo tem sido mediado pela relação homem e natureza.

A partir dos apontamentos de Fernandes (2020?), a geografia como disciplina veio ganhando o seu espaço no decorrer dos anos, inicialmente uma disciplina que se resumia apenas como descrição única e exclusivamente da paisagem, sem uma interação maior com os acontecimentos e suas causas e transformações, uma mera observação sem uma reflexão aprofundada acerca dos acontecimentos. No entanto em 1837, o primeiro colégio a ofertar a mesma como disciplina obrigatória foi o colégio Dom Pedro II localizado na cidade do Rio de Janeiro a partir do século XIX.

A geografia a partir de então passou a ganhar destaque, sendo logo adicionada no currículo das escolas brasileiras, como aponta Fernandes (2020?). O mesmo autor afirma que “Nas escolas brasileiras, a Geografia teve início no século XIX, inicialmente no Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, depois foi sendo incorporado ao currículo oficial das demais escolas do país” (FERNANDES, 2020?, n. p.). Logo, pode-se dizer que o ensino de geografia, em seu início era voltado, segundo Fernandes (2020?, n. p.), a um “ensino acrítico, descritivo e superficial nas escolas”, levando conta apenas estudos territoriais do planeta que convinham ensinar, e, dessa maneira, os conteúdos de geografia passaram a ser introduzidos como matéria escolar.

Nessa trajetória houve mudanças significativas no sentido aprender geografia, uma delas seria capacitar pessoas de classe social mais elevadas a buscar meios acessíveis na iniciação a cargos políticos ou demais meios de adentrar a esse espaço tão almejado por muitos na época, sendo uma espécie de manual de condutas frente a política da sociedade.

Enfim, a grande mudança veio em meados do ano de 1998, que trouxe uma definição maior e mais organizada sobre os objetivos da geografia, onde deixa em evidência do papel do ensino na aprendizagem do aluno e sua interligação entre sociedade, natureza e o mundo.

Vale salientar que nas escolas as aulas de geografia eram monótonas, pois esse modo de ensino era voltado à perspectiva tradicional - ou educação bancária na perspectiva freireana, onde apenas o professor era o detentor do saber e depositavam os conhecimentos nos alunos e estes decoram/memorizavam tais conteúdos, sem qualquer preocupação com a aprendizagem do aluno ou que este viesse a relacionar o conhecimento recebido com suas vivências cotidianas. Esse modo de ensino de geografia, conforme afirma Fernandes (2020?, n. p.), tinha como objetivo “privilegiar as relações sociais, abstraindo o homem das explicações espaciais”, o que levava o aluno a apreender somente o superficial e a uma memorização do conteúdo estudado, sem levar em consideração o meio geográfico ao qual o estudante estava inserido, ou sua relação com o ambiente.

Ainda segundo Fernandes (2020?, n. p.) “[...] o movimento de renovação do ensino de Geografia, [...] se ampliou a partir da década de 80 com a redemocratização do país”. De modo a deixar de ser enfadonho, o ensino de geografia começou a ganhar força, de forma a unir professor, aluno, ensino e sociedade, deixando de ser uma aula voltada a tradicional memorização e passando a ser voltado a um ensino crítico sobre a geografia, passando a levar os alunos a conhecer o espaço que residem, bem como tudo o que os rodeiam.

Conforme ressalta Fernandes (2020?, n. p.) a partir de então, o ensino de

Geografia apresentou avanços, pois passou a priorizar as relações sociais, o trabalho, a produção e a transformação do espaço geográfico, analisando a apropriação da natureza em função dos interesses sociais,[...] a Geografia além de explicar o mundo passou a ser compreendida como ciência que contribui para transformá-lo. [...] Mais de um século depois de sua introdução nas escolas como disciplina escolar, a Geografia caminhou, mesmo que a passos lentos [...].

Assim, durante toda essa trajetória envolvendo o ensino de geografia e seu contexto histórico, muitas foram as suas evoluções, tais como, a utilização do espaço geográfico para uma melhor análise feita pelos alunos, além das relações sociais, o trabalho, a economia, entre outros considerados requisitos importantes na compreensão do local e do global no mundo, bem como suas evoluções e mudanças ocasionadas pela interação entre o homem e a natureza, além disso, toda essa mudança colaborou para que o ensino de geografia passasse inserir conhecimentos geográficos por meio de conteúdos que tivesse relação com o cotidiano dos estudantes.

A partir de então, a cartografia passou a fazer parte do ensino de geografia, assim, infere-se que professores e alunos precisam saber a ler e interpretar os mapas para identificar e/ou interagir com os espaços em que vivem. Com o uso de mapas e cartografias nas aulas de

geografia vieram, inclusive, as mudanças desta disciplina, que até então, não era vista com tanta importância no currículo escolar.

Neste sentido, os conteúdos de geografia passaram a ser vistos como uma forma de o aluno “aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço, que significa criar condições para que o aluno leia o espaço vivido” (CASTELLAR, 2000, p. 30), para tanto, é necessário integrar o mapa nas aulas de geografia, de modo que este não se torne apenas uma imagem de conteúdo trabalhado tradicionalmente nas aulas, mas que faça sentido e possa oportunizar ao aluno, estabelecer relações e ter prazer em ler cartograficamente o lugar em que vive, assim, este passa a tomar ciência de sua posição no mundo.

Neste sentido, cabe ressaltar que é importante compreender a relação entre a geografia e a representação cartográfica. Sobre isso, Richter (2013/2014) explica que, quando o professor, ao realizar um trabalho que visa a leitura de um mapa ou desenvolver uma cartografia com seus alunos, de modo que estes consigam estabelecer uma relação entre a representação cartográfica e as ações humanas, este professor está possibilitando a seus alunos construir e “criar outros campos de representação” (RICHTER, 2013/2014, p. 114).

Neste sentido, a representação cartográfica passa a ser um instrumento capaz de auxiliar o aluno em novas descobertas, assim, a partir das representações cartográficas, os alunos passam a estabelecer relações entre o mundo em que vive com os mundos “outros”, aquele mundo que lê e/ou visualiza.

A cartografia, neste entendimento, leva o aluno a transitar entre os diversos significados de mundo, permitindo interpretar e traduzir os mapas a partir de suas representações sobre o espaço vivido. Assim, “o mapa deve incluir no seu trabalho de representação, características e elementos que anteriormente eram considerados desnecessários ou sem valor científico, pois estas não estavam dentro dos padrões científicos que determinavam a construção cartográfica cartesiana (RICHTER, 2013/2014, p.116).

Diante de tais apontamentos, é importante que os professores que ensinam geografia valorizem a representação cartográfica em suas práticas, de modo que tais práticas possam permitir ao aluno, uma aprendizagem significativa, ligada à suas vivências cotidianas e suas formas de ler o mundo.

1.1 O ensino de geografia na escola pública

A construção do ensino de geografia nas instituições públicas encontra ainda muitos desafios e resistências no que diz respeito ao ensino-aprendizagem na educação básica. Na grande maioria, os docentes se deparam com diversas dificuldades no decorrer de sua jornada, como livros didáticos que não aproximam os alunos do pensamento geográfico, pois deixam de abordar o sujeito dentro do espaço vivido, tornado muitas vezes o aprendizado de geografia algo desvinculado da realidade dos educandos, outro ponto é o espaço escolar inadequado, visto que não permite ao professor utilizar recursos didáticos que facilitem o ensino/aprendizagem.

A este respeito, Smith e Strick (2007, p. 29) afirmam que “salas de aulas abarrotadas, professores sobrecarregados ou pouco treinados e suprimentos inadequados de bons materiais didáticos comprometem a capacidade dos alunos para aprender”. Logo, se o ambiente não for propício, ou seja, sem climatização, sem cadeiras adequadas, lousas e a falta de material adequado, docentes extremamente cansados e desmotivados tornarão as aulas se monótonas, levando ao desinteresse de ambos, tanto do professor, quanto do aluno.

Assim, para que o Ensino de Geografia seja eficiente, este deve abranger e atingir o sujeito, de modo a abrir um leque de possibilidades, que vise a reflexão e a compreensão, pois o papel da Geografia na vida escolar do aluno tem sido o de torná-lo consciente de seu papel no mundo, como sujeito capaz de viver e relacionar o mundo com suas representações políticas, culturas e econômicas, entre outras, levando-o a compreender a realidade em que vive e a consequência de suas ações sobre ela.

Neste sentido, torna-se necessário um ensino que contemple tais questões, de modo que os estudantes obtenham noções de geografia, dominem categorias recorrentes ao componente curricular, emitindo opiniões e expressões sobre o espaço estudado e sua relação com o mundo, de modo que a capacidade de inferir, ler e interpretar o mundo seja um processo ao qual o ensino deve observar e desenvolver. As afinidades socioculturais e o funcionamento da natureza as quais compete ao ensino de geografia podem permitir ao estudante pensar sobre a realidade.

O instruir-se da disciplina de geografia no Ensino Fundamental I, especificamente nos Anos Iniciais – 1º ao 5º ano escolar, consiste em oferecer aos estudantes o desenvolvimento no aspecto de cidadão que procura continuamente a direito e a igualdade social, refletindo sobre os acontecimentos e fatos espaciais em suas múltiplas e indissociáveis escalas de julgamento, isto é, classificando o que está perto (local) e o afastado (global) como segmentos de uma totalidade indissociável (CARLOS, 1996).

Para entendermos os conceitos de Local e Global, buscamos apoio em Ana Fanni Alessandri Carlos (1996) em sua obra *O lugar no/do mundo*, que define lugar como aquele visto de fora como um “resultado do acontecer histórico” e o lugar visto de dentro como algo a ser definido a partir da “densidade técnica – presente na configuração do território; informacional – que chega ao lugar tecnicamente estabelecido; comunicacional – que ocorre pela interação humana, e, normativa – que está relacionada a normas definitórias de cada lugar (CARLOS, 1996).

Trata-se, segundo a autora citada, da forma de como o homem percebe o mundo e age sobre ele, assim o ensino de geografia deve levar o estudante a agir com e sobre o lugar/mundo a partir de informações capazes de operar sobre/com as formas de entendimento geográfico. Assim, “o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua [...]” (CARLOS, 1996, p. 20).

Essa concepção de ensino de geografia abandona a visão apoiada simplesmente na descrição e memorização da terra e o homem, com informações sobrepostas do relevo, clima, população, mas busca superar um modelo doutrinado de repetição, na perspectiva de uma sociedade pronta, em que todas as questões já foram respondidas. A geografia em seus aspectos de disciplina escolar deve ser utilizada para aguçar a curiosidade e o inconformismo dos educandos, levando-os a um novo contexto das transformações advindas da globalização da economia, ambientais, ação do ser humano e vice-versa, dando aos conhecimentos em geografia um novo significado.

Compreende-se, dessa forma, a necessidade de um aprimoramento do educando como pessoa humana, responsável por si e pelo ambiente em que vive, incluindo a formação do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, de modo que se torne “desbravador” de seus próprios conhecimentos. Assim, o aluno que constrói seu saber geográfico pautado no desenvolvimento de aprendizagem do mundo que o cerca, passa a entender a geografia no seu cotidiano, cujas representações são observadas por meio da relação com a vizinhança, no espaço no qual está inserido, seja ele urbano ou rural, no uso da cartografia, etc.

Deste modo, o ensino de geografia deixa de ser relativamente um aprendizado visto como uma disciplina inútil ou de pouca relevância, onde aluno apenas decora o conteúdo a fins de avaliação classificatória aprovativa, mas de modo que o estudo de geografia passa a contemplar os pressupostos necessários à formação do aluno nos anos iniciais do ensino

fundamental I, conseqüentemente, tornando-o capaz de vivenciar esse aprendizado para além dos muros da escola, ou seja, em suas vivências cotidianas.

Os sujeitos constroem suas redes de conceitos e significados mediante as oportunidades que a escola e a vida lhes permitem, este, por sua vez, com sua intenção, gestos, trabalhos e atividades, transformam constantemente o lugar em que vive.

1.2 Os conteúdos de geografia nos anos iniciais: aspectos legais

Os conteúdos do ensino de geografia nos anos iniciais encontram-se amparados nos Parâmetros Curriculares nacionais PCNs (1997) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Estes documentos orientam, tanto as instituições educacionais, quanto os professores e demais membros da educação para o pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos seus alunos, para que possam desenvolver e dominar vários meios de atuação e construção dos seus direitos e deveres, como um cidadão ativo e consciente na sociedade.

A BNCC e os PCNs têm propósito de guia no desenvolvimento e aprendizado pleno dos estudantes, como também orienta as práticas docentes no agir e executar os conhecimentos ensinados aos alunos. Estes documentos visam padronizar as orientações básicas de ensino e, de alguma forma, buscam, como apontam em seus objetivos, minimizar a desigualdade educacional, com o propósito de uma formação integral e de qualidade no decorrer do ensino fundamental, porém, há de se destacar que estes documentos, apesar da “boa” intenção, acabam padronizando os conteúdos escolares, sem levar em consideração as especificidades locais e/ou culturais presentes nas diversas regiões do Brasil.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, tange a educação como direito do cidadão e a consolida com a colaboração entre o estado, família e a sociedade no progresso da formação do cidadão ativo e participativo. Portanto a constituição visa que a educação como um direito de todos, sendo dever do estado e da família promover e incentivar, com a colaboração da sociedade, o pleno desenvolvimento da pessoa, preparando sujeito para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, art. 205).

Amparada na CF (1988), a BNCC (2018) buscou formular em seu documento, conteúdos que visam o desenvolvimento progressivo em toda a esfera da vida, seja social, regional, cultural entre outros. A mesma traz uma base necessária na construção do currículo

escolar, que será formulado conforme a prática pedagógica de cada estabelecimento de ensino, respeitando o que se exige para cada etapa e suas competências a serem alcançadas.

Na busca de uma aprendizagem significativa os PCNs foram elaborados, introduzidos, idealizado em função de criar meios de aprendizados diferenciados, onde os alunos além de ouvinte, viriam a ser construtor do seu próprio aprendizado, com aulas dinâmicas expositivas e traçado em virtude do seu crescimento afetivo, social e físico. A este respeito, Galian (2014, p. 651) vem afirmar que, elaborado na segunda metade da década de 90 do século XX, os PCNs

[...] constituem uma das formas de expressão do papel do Estado na busca por coesão e ordem, atuando no sentido de atingir a uniformização do currículo nacional, pela definição de um conteúdo mínimo a ser transmitido na escola básica, o que tem sido uma busca recorrente na história das políticas públicas de educação no Brasil.

Tais documentos orientam que se faz necessário ensinar levando em consideração os mais diversos assuntos e conteúdos, porém vale salientar para necessidade de incluir a realidade social dos alunos, no caso da geografia, o ensino deve levar em consideração o local de vivência, tal como rua, bairro, cidade, costumes e tradições nas quais os estudantes estão inseridos. Esses documentos estão de acordo com o que prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) ao estabelecer que, os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Art. 26).

A organização dos componentes curriculares, inclusive de geografia, trazida pelos PCNs leva em consideração uma educação de qualidade, com objetivos e ações inovadoras em cada período de aquisição de saberes e progresso significativo no seu desenvolvimento e pertinente a diversos textos e contextos do saber em função de contextualizar o que os alunos já sabem e o que irão aprender, fazendo uma interlocução com os diversos saberes.

De forma mais pragmática, a BNCC adota um enfoque de orientações pedagógicas que visam desenvolver nos alunos aspectos voltados a *Competências e Habilidades*, com objetivos descritos e organizados nas bases curriculares de cada componente, de acordo com cada etapa, ano escolar e nível de ensino. Nesse sentido, cabe inferir que a BNCC acaba trazendo uma ideia “prescrição nacional” curricular, onde os conteúdos temáticos devem ser abordados de forma homogênea e síncrona em todo o território nacional, sem levar em consideração as especificidades locais e regionais. Os temas voltados ao ensino de geografia,

assim como os temas dos outros componentes curriculares, prevêem o desenvolvimento de habilidades postas em objetivos que devem ser alcançados no fazer pedagógico na sala de aula, de modo que desenvolva no estudante, as habilidades relacionada a cada tema trabalhado. Nesta forma de ver,

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BNCC, 2018, p.13).

Sob o discurso de uma educação de qualidade, a BNCC aponta para um currículo único em todo o território nacional e sugere formar alunos atuantes e pensantes sobre seus contextos locais e globais, entretanto, a BNCC aponta para um currículo unificado.

Ao examinar os documentos da BNCC (2018) voltados ao componente de geografia nos anos iniciais, fica em destaque os objetivos do ensino, a prática pedagógica, o planejamento, o currículo unificado e uma educação vinculada a habilidades e competências, porém, a contribuição para o despertar da curiosidade, uma ferramenta importante no enriquecimento do aprendizado do aluno, fica em segunda ordem, já que o objetivo central da BNCC é desenvolver competências e habilidades não necessariamente coladas à criticidade e a curiosidade criativa.

Com relação aos PCNs de geografia, inferimos que este se aproxima dos aspectos ligados a especificidade local articulado ao global. Ao fazer referências de qualidade para a educação, este documento proporciona coerência entre o ensino de geografia e o despertar crítico na vivência cotidiana dos estudantes com o meio em que vivem, promovendo aspectos de uma aprendizagem significativa, pensada em coletividade, se adequando conforme as transformações sociais, políticas e econômicas. De acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais (1998, p. 28),

É necessário ter em conta uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e sobretudo, do trabalho coletivo. Isso implica o estímulo à autonomia do sujeito, desenvolvendo o sentimento de segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados.

Nesse sentido os parâmetros curriculares visam que as instituições busquem independência e obrigações diferentes que envolva tanto a instituição, o quadro de professores e demais membros em uma busca constante de direcionamento em suas didáticas, como também a adaptação, o desenvolver, o pensar crítico, na aplicação e no decorrer de suas atividades escolares, visando meios construtivos e diferenciados na busca do aprendizado satisfatório do aluno. Saindo muitas vezes da área tradicional de ler, copiar e memorizar, para buscar entender como tudo tem o seu começo, suas transformações e sua importância.

Nesse buscar constante de alternativas que os PCNs propõem, juntamente com a BNCC, aparecem os documentos norteadores que direcionam o ensino no processos de formação escolar. No tocante ao componente curricular de geografia nos anos iniciais, a BNCC aponta que, “embora o tempo, o espaço e o movimento sejam categorias básicas na área de Ciências Humanas, não se pode deixar de valorizar também a crítica sistemática à ação humana, às relações sociais e de poder e, especialmente, à produção de conhecimentos e saberes, frutos de diferentes circunstâncias históricas e espaços geográficos” (BNCC, 2018, p. 354).

Em suma, o objetivo do direcionamento da BNCC é fazer com que os alunos possam ser ensinados conforme sua bagagem de conhecimento já adquiridos posteriormente na convivência com a família, amigos, nos lugares de passeios, na mudança de casa, todas essas realidades vividas juntamente com o que irá aprender dará significado plausível ao seu aprendizado. Cujo ensino precisará ser de diversas maneiras e espaços, sempre visando o aprendizado eficaz, levando os estudantes a reconhecer, comparar, verificar e questionar-se como sujeito diante de um leque conhecimentos e transformações no espaço globalizado.

O professor, neste sentido, pode contribuir fazendo diversas articulações, levando os alunos a se depararem com várias situações de aprendizado, aguçando a curiosidade e a vontade de buscas mais concretas de conhecimento, onde os mesmos não se contentariam em respostas evasivas, no apenas “por que sim”, mas nas causas e processos do acontecimento estudado. Entretanto, é necessário desenvolver o espaço geográfico em seus diversos conceitos e amplitude histórica e suas transformações do espaço e natureza no decorrer do tempo do espaço. Os conceitos território, lugar, região, natureza e paisagem são uns dos elementos que aborda o ensino de geografia dando as condições necessárias ao despertar geográfico e espacial do aluno levando os mesmos a sua autonomia como um ser pensante e ativo. Nessa questão os PCNs já afirmavam o que a BNCC destaca:

A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc. Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, íntegra com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos. Ainda que na escola se destaque a autonomia na relação com o conhecimento — saber o que se quer saber, como fazer para buscar informações e possibilidades de desenvolvimento de tal conhecimento, manter uma postura crítica comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão, por exemplo —, ela não ocorre sem o desenvolvimento da autonomia moral (capacidade ética) e emocional que envolvem auto-respeito, respeito mútuo, segurança, sensibilidade, etc (PCNs, 1998, p. 62).

Essa autonomia engloba o conhecimento e o envolvimento dos professores e alunos em temas mais abrangentes e necessários para a vida social do ser humano, que vive em um mundo de transformações e adequações de fatos que atinge a todos como a saúde, meio ambiente, ética, orientação sexual, cultural, entre outros temas que podem ser abordados de forma transversal, que se alinham com acontecimentos atuais debatidos em vários aspectos da vida, presentes inclusive nos conteúdos de geografia.

Para que se desenvolva a autonomia nos estudantes, se faz necessário abordar diversas linguagens para a produção de autonomia, na construção de novos pensamentos, a partir de um fato já existente, como também na busca de conhecer novas culturas e vivências, de maneira coerente. Para que haja um aprendizado satisfatório e conclusivo das habilidades e competências do ensino de geografia, a BNCC dividiu esse componente em cinco unidades temáticas essenciais para ser abordados no decorrer do ensino fundamental, tais como: o sujeito e o seu lugar no mundo, conexões e escalas, mundo do trabalho, formas de representação e pensamento espacial, natureza ambiente e qualidade de vida. Todas essas temáticas visam aguçar o interesse na busca de novos conhecimentos, com descobertas diárias e contínuas, uma delas é que, o sujeito é o agente principal das transformações sociais, seja de valores ou de atitudes a certas situações que exigem tomadas de situações urgentes e necessárias do espaço em que vive.

Nesta análise, inferimos que a BNCC entra com o documento de regras a serem cumpridas no estabelecimento de ensino, e os PCNs com a flexibilização e acontecimentos sociais a serem desenvolvidos conforme a necessidade dos acontecimentos e a realidade local, social e cultural em que o processo de ensino ocorre. Em conformidade com a BNCC, o estudo de geografia ocorre desde o Ensino Fundamental, sendo assim, o estudo geográfico é indispensável ao processo de desenvolvimento escolar e social do indivíduo. A BNCC traz

um novo pensar em relação a aprendizagem do componente, como focar no pensamento geográfico e construção de cidadão mais capazes socialmente, isto é, de acordo a BNCC que a geografia é indispensável na compreensão de mundo, proporcionando ao estudante o desenvolvimento intelectual geográfico, de modo que este aluno se torne competente naquilo que estudou. Em conformidade com Castellar (2000) a geografia é um modo de fornecer maneira de compreender e analisar o meio que cerca o sujeito.

Em uma visão mais freireana, a leitura de mundo é algo essencial, e a geografia emite a ideia de leitura do mundo. Segundo Breda (2017), o estudo de geografia, historicamente, esteve pautado na leitura, na interpretação da paisagem e na codificação de mapas, de modo que o aluno era tido como um mapeador da cartografia mundial e do Brasil. Entretanto agora, o ensino de geografia volta-se mais para estimular um pensamento espacial, atrelado ao raciocínio geográfico capaz de levar o estudante a compreender a realidade local e global, seus sujeitos e sua ação sobre o mundo.

O PCN de geografia nos anos iniciais orienta que os profissionais de educação, ou seja, os professores tenham como finalidade desenvolver práticas pedagógicas que propiciem aos alunos diversas situações de vivências com os lugares, nisso, o professor tem como função ensinar geografia de modo mais significativo e aprofundado. Nessa perspectiva, o PCN de geografia tem como intuito orientar os professores em suas práticas pedagógicas. Tais práticas devem envolver procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa de fenômenos sociais, culturais ou naturais, que compõem a paisagem e o espaço geográfico. Em conformidade com os parâmetros o professor deve considerar o conhecimento prévio do aluno, com a finalidade de que o aluno entenda que o conhecimento geográfico faz parte da sua realidade, ou seja, ocasionando para o ambiente escolar a experiência que o aluno já possui.

Outro fator importante é relacionar sociedade e natureza como processo de estudo geográfico, pois ambos modificam o meio no decorrer do tempo, sendo que são constituintes de território, lugar, região e outros (PCNs, 1998). Além disso, de acordo com o PCN o professor deve planejar momentos para aprendizagem em que os alunos venham conhecer e usar vários procedimentos geográficos, nisso a interação do professor e aluno deve ser de total companheirismo, pois o professor será o mediador na construção do saber do aluno. Os estudos geográficos abordam questões políticas, econômicas e ambientais, além de questões sociais e culturais. Com uma boa prática de ensino na sala de aula, o aluno poderá

compreender que pode ser um agente ativo e/ou passivo na construção do conhecimento e da realidade que o cerca, inclusive nas questões ambientais e cenários terrestres.

É relevante conhecer a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 9394/96). Esta Lei divide a educação em níveis, dois sendo: I Educação Básica - formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, e II Ensino superior. A Educação Básica consta do artigo 22 onde cita que esta “tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Quanto à educação infantil, esta modalidade é tratada no artigo 29, sendo a Educação Infantil, a primeira etapa da educação básica. O art. 29 cita que a educação infantil tem como finalidade, “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Entendendo que a formação em Pedagogia preparara o docente para atuar nos anos iniciais e na educação infantil, e que a geografia é um componente curricular a ser trabalhado nos níveis trazidos nos Art. 22 e 29 da LDB (1996), é importante que a prática docente esteja pautada nas orientações, diretrizes e legislações, assim, a geografia é um componente curricular obrigatório que contribui para o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e espacial das crianças e está pautado em traz competências, metas, ferramentas entre outros pontos para o ensino e aprendizagem do raciocínio geográfico, competências que retratam de qual maneira deve ser o ensino de geografia nas redes de instituição escolar, seja público ou particular. O ensino de geografia nos anos iniciais é garantido pela legislação e orientado pelos documentos oficiais vigentes aqui citados.

Mediante os apontamentos feitos neste tópico, inferimos que a BNCC reformulou alguns objetivos dos PCNs, bem como acrescentou habilidades e competências. Ressalta-se que a nova base comum curricular (BNCC), apesar de buscar uma homogeneização dos conteúdos básicos em todo território nacional visando a qualidade, como o documento descreve, este, de certo modo, não contempla as diferenças culturais e as especificidades locais, ficando restrita a organização curricular a conhecimento mais gerais e globais. Outra impressão, é a importância dada às competências e habilidades no processo de ensino, que, de certa forma, acaba suprimindo a subjetividade na aprendizagem nos anos iniciais. A BNCC, apesar dos aspectos positivos – propor um ensino com uma base comum a todas as regiões, esta não contempla todos os sujeitos, já que as especificidades de infraestrutura são diferentes nas diversas regiões do Brasil, e, por mais que a base seja a mesma, as condições de ensino

não se equiparam, principalmente na região norte do Brasil, local em que este TCC está sendo produzido.

SEÇÃO 2

CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Este trabalho ampara-se na pesquisa qualitativa em educação, visando obter dados descritivos, por meio de questionários aplicado ao participante, de modo a gerar dados para análise de questões acerca do a representação cartográfica e o ensino de geografia nos anos iniciais. A escolha metodológica está amparada nos apontamentos de Minayo (2002, p. 21-22) ao escrever que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Tendo como base a citação acima, a escolha pela pesquisa qualitativa foi no sentido de buscar o suporte necessário para os procedimentos metodológicos. Além de contar com a pesquisa de cunho bibliográfica com alguns escritores que abordam acerca da educação na geografia nas etapas primordial das séries iniciais, de modo a distinguir os levantamentos teóricos e legais sobre o tema. Sobre a pesquisa bibliográfica, Gonsalves (2007, p. 40) afirma que esta “é caracterizada pela utilização de fontes secundárias, ou seja, pela identificação e análise dos dados escritos, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa”.

Neste sentido, o levantamento bibliográfico ocorreu em sites de revistas e periódicos indexados, considerados confiáveis, além de fontes escritas, como livros impressos. Os autores consultados aparecem nos escritos do texto e auxiliam nas análises dos dados produzidos juntos às professoras questionadas virtualmente. Como anunciado, os dados foram produzidos a partir de perguntas abertas por meio de questionário enviado aos emails das professoras participantes desta investigação em função das recomendações sanitárias ocorridas em virtude da pandemia por coronavírus (COVID 19).

Por conta da atual situação que assola o mundo, assim como a sociedade brasileira, o estado do Amazonas e a nossa cidade de Humaitá/AM em relação a pandemia, e, portanto, atendendo à INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001/2020 que Dispõe sobre a regulamentação do trabalho remoto, excepcional e temporário, em toda a Universidade Federal do Amazonas,

com exceção das atividades essenciais, por determinação da Portaria GR nº 703, de 31 de março de 2020, não foi possível entrar em contato presencialmente com as discentes da UFAM/IEAA para realização de entrevista e respectivas autorizações pessoalmente.

Assim, os dados desta pesquisa de TCC foram produzidos de forma remota através de um questionário aberto enviado pelo endereço de e-mail e no contato de *whatsapp* das professoras por considerar um meio de comunicação viável e confiável mediante a situação pandêmica mencionada. Os questionários foram respondidos e encaminhados de volta – um deles de maneira escrita cursiva enviado em formato de imagem via *whatsapp* e o outro no email de forma digitada.

Todos os professores e professoras que atuam nos anos iniciais, nas turmas de 1º ao 5º ano, de uma escola municipal de Humaitá-AM, foram convidados e convidadas a participarem da pesquisa, ao todo, foram cinco convites contatados via mensagem de *whatsapp*, destes, três manifestaram disponibilidade e interesse em participar, aos quais foram solicitados o endereço de e-mail e enviados os questionários. Dos questionários enviados, apenas dois foram devolvidos com as respostas, as quais compõem o quadro de dados deste TCC.

O questionário é um instrumento de pesquisa e, segundo Chizzoti (2008, p.55),

Consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar das informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada.

Considerando os apontamentos acima, para o questionário aqui produzido foram elencadas as perguntas: Que importância é dada a geografia na escola nas séries iniciais? Que instrumentos o professor utiliza para ministrar o ensino de geografia na classe de aula? A geografia tem um espaço importante no planejamento do plano de aula do professor? Que concepção o professor possui sobre a representação cartográfica, entre outras questões.

De forma exploratória, esta realizou de um estudo sobre a escola na qual ocorreu a pesquisa junto ao corpo docente que atua nos anos iniciais e que, de alguma forma, trabalha com o componente curricular de geografia, de modo que ocorresse certa familiaridade entre a pesquisadora com os sujeitos, o local e o objeto da pesquisa, ou seja, buscou-se de forma exploratória, descrever o espaço onde o levantamento empírico ocorreu. A este respeito, Gonsalves (2007, p. 67)) aponta que:

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado pesquisa de base, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

É nesse contexto de pesquisa exploratória, que é mencionado âmbito escolar, visando assim, dar suporte a este trabalho. Para que se pudesse realizar o estudo, foi escolhida uma escola pública, situada no Município de Humaitá no sul do Amazonas e que integra a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), estando a mesma localizada na área urbana do município.

Quanto aos procedimentos de análise, propriamente mencionados, todas as respostas do participante foram transcritas e digitadas, respeitando a escrita original a fim de colaborar com a análise de dados. Posteriormente, foram analisadas e comparadas, considerando a natureza da pesquisa que é de cunho qualitativo e que estão expostas na próxima seção.

2.1 Local da pesquisa

Como mencionado, o local da pesquisa é uma escola localizada na área urbana de Humaitá-AM. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sua população é de 56.144 habitantes em 2020¹. Em termos históricos, a cidade de Humaitá foi assim nomeada em 15 de maio de 1869 por José Francisco Monteiro e está localizada no Sul do Amazonas, às margens do Rio Madeira (AFFONSO, 2004). O mesmo autor aponta que anterior à chegada do colonizador José Francisco Monteiro, se instalou na região do Rio Preto, nas proximidades de onde hoje é Humaitá, a Missão de São Francisco, fundada pelos jesuítas em 1693, lugar antes conhecido como Pasto Grande. A sede da instalação das missões de São Francisco foi transferida em 1888, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Belém de Humaitá devido aos constantes conflitos com os indígenas em função da colonização e da disputa pelas terras das etnias aqui existentes. Affonso (2004) escreve que a transferência da instalação ocorreu por força da Lei nº 790 de

¹ Dados disponíveis no site: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amazonas/humaita.pdf>

13 de novembro daquele ano, e a transição foi feita pelo comendador José Francisco Monteiro, e no auge do Ciclo da Borracha, Humaitá foi elevada à categoria de cidade.

Humaitá é banhada pelo Rio Madeira e possui potencial agropecuário. Também considerada um polo de formação técnica e universitária, conta com as Universidades (Federal – UFAM e Estadual – UEA) e com o Instituto Federal do Amazonas (IFAM), por este fator, acolhe como munícipes, estudantes e professores de várias cidades do Amazonas e de outras regiões do Brasil (SANTOS, 2006).

Humaitá conta com 12 escolas municipais urbanas e 59 escolas rurais. Dentre as escolas urbanas está localizada a escola onde ocorreu esta pesquisa de TCC. De acordo com informações retiradas do Censo Escolar 2020², a escola investigada está localizada na Rua Cidade de Borba, 2351, no bairro São Sebastião, contendo em suas instalações, 7 salas de aula, 1 sala de diretoria, 1 sala de professores, 1 laboratório de informática, 1 sala de recursos para atendimento educacional especializado, 1 cozinha, 1 biblioteca, 1 sala de secretaria, 1 pátio descoberto. O censo não disponibiliza a grade de professores atuante na escola. Cabe lembrar que em virtude da pandemia, não foi possível visitar a escola *in lócus* para o levantamento de tais informações.

O censo aponta que a escola possui alguns equipamentos complementares no auxílio ao ensino e aprendizagem dos alunos tais como: TV, DVD, Impressora, Projetor multimídia (Datashow) e mostra que a instituição oferece em seu estabelecimento o ensino do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com aulas manhãs e tardes. Sendo:

Duas turmas do 1º ano	28 alunos	aproximadamente por turma
Duas turmas do 2º ano	29 alunos	aproximadamente por turma
Duas turmas do 3º ano	32 alunos	aproximadamente por turma
Três turmas do 4º ano	26 alunos	aproximadamente por turma
Três turmas do 5º ano	25 alunos	aproximadamente por turma

Fonte: Os dados informados no censo escolar 2019. Disponíveis em: <https://www.escol.as/7499-escola-municipal-edmee-monteiro-brasil>

²Informações sobre o Censo Escolar mencionado pode ser encontradas no site: <https://www.escol.as/7499-escola-municipal-edmee-monteiro-brasil>

2.2 Os sujeitos da pesquisa

Participaram desta pesquisa duas professoras atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental. De modo a garantir o anonimato das docentes, as mesmas foram denominadas como “**P1**” e “**P2**”, sendo a letra **P** para professora e a numeração **1** e **2** para a ordem de devolutiva dos questionários.

As informações sobre as participantes da pesquisa estão presentes no questionário aplicado junto as professoras, que este elaborado em duas partes, sendo a primeira com objetivo de levantar as informações sobre as participantes. As informações presentes nos questionários mostram que a “**P1**” é formada em Pedagogia, sendo assim, habilitada para atuar em todas as disciplinas do ensino fundamental, inclusive na disciplina de Geografia. A **P1** iniciou sua atividade de docência em 2018, nos anos iniciais, tendo, portanto, três anos de magistério. Como professora da disciplina de Geografia é atuante desde então, trabalhou 1(um) ano com turmas do 2º e 3º ano e em 2020 foi lotada em uma turma de 1º ano. A “**P2**” iniciou como docente nos anos iniciais em 2018, ou seja, também leciona há três anos nos anos iniciais, inclusive na Disciplina de Geografia. É formada em Pedagogia, portanto habilitada para ministrar todas as disciplinas nos anos iniciais. Uma tem 28, a outra 49 anos de idade.

Cabe lembrar que as professoras participantes da pesquisa são chamadas pelo código P1 e P2 com o intuito de manter no anonimato as participantes da pesquisa, seguindo os critérios éticos que norteiam este trabalho.

SEÇÃO 3

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM HUMAITÁ: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico é abordado os resultados obtidos a partir da coleta de dados, ou seja, as respostas das professoras que devolveram o questionário que lhes foram propostos, tecendo as respostas obtidas com autores que abordam a temática deste Trabalho de Conclusão de Curso. Os subtópicos de análise correspondem às questões formuladas no questionário, tendo em vista uma categorização das respostas analisadas. Assim, ao mesmo tempo em que é apresentada a questão e seus objetivos, também são apresentadas as análises relacionadas.

3.1 – Motivações pessoais no trabalho docente nos anos iniciais

Tal questionamento teve como finalidade conhecer os anseios e opinião das professoras que instruem alunos sobre o conhecimento da ciência de geografia no exercício de sua profissão docente. As respostas das professoras fornecem subsídios à forma como se sentem na docência nos anos iniciais.

P1- sinto-me concretizada e estimulada a cada dia. Na Universidade estudamos e conhecemos simplesmente o básico sobre a profissão de professor nos anos iniciais estudantil, porque na prática é mais além de apenas ensinar conteúdos curriculares, ou seja, alfabetizar. O professor conhece sua área e começa a interação, interferindo no processo de ensino e aprendizagem de maneira promissora, tornando-se um profissional polivalente, isto é, conhecendo um pouco de cada profissão e instruindo os alunos. O profissional da Rede Pública Municipal, encara vários desafios, como por exemplo a ausência da participação da família, isso é, a parceria entre família e escola, além de salas lotadas muitas vezes multisseriadas, entretanto, isso não impede de ele arriscar-se em desenvolver um bom trabalho erguendo o máximo do aluno possível.

P2 – Felizmente amo o que faço, mas sou consciente da desvalorização da profissão. Espero que a população acorde para a conscientização que o profissional de educacional contribui de maneira significativa no processo de desenvolvimento da sociedade, sendo esse profissional um fundamental atuante no processo de desenvolvimento humano.

Percebe-se nas respostas das professoras a compreensão do modo como elas retratam a ação docente nos anos iniciais, com isso, é possível inferir que a atividade docente está ligada a formação dos anos iniciais do sujeito. Nesse sentido, André (1999) afirma que a formação inicial também é responsável pela forma como o professor irá agir a partir do momento em

que tiver o choque com a realidade da sala de aula, como irá enxergar seu próprio trabalho, como irá se envolver em sua sala. Nisso, as professoras, além de educar mostram que estão alertas com relação às razões que levam ao sucesso e/ou fracasso escolar de seus alunos, pois, segundo suas respostas, existem diversos fatores que influenciam na formação do aluno, como o ambiente familiar, interação com mundo que o cerca, alimentação, cultura, crença e outros. Nesta forma de ver, há a percepção de que uma formação de qualidade leva a uma prática profissional coerente, contribuindo com um processo educacional efetivamente eficaz e transformador.

Os retornos das professoras, ou seja, as respostas fornecem entendimento que a **P1** está realizada na docência, entretanto, na mesma medida se sente desafiada, já que de acordo com ela, na universidade não se aprende a lidar, de forma efetiva, com a realidade escolar. Por conseguinte, a professora **P2** assegura que, apesar de amar a docência, sente-se desvalorizada na profissão, desse modo, percebemos que as duas professoras, apesar dos desafios encontrados, afirmam gostar da docência e se mostram confiantes em suas práticas nos anos iniciais.

Com isso, é possível afirmar que a função do profissional de educação diante da sociedade que é transformar, instruir, capacitar, orientar entre outros, mostrar a relevância da sua função no meio social. Contudo, os desafios aos quais as professoras se deparam no efetivo exercício docente são inúmeros. Entre os desafios estão as problemáticas que outros professores não conseguiram resolver e tão pouco o ambiente familiar conseguiu, como as dificuldades de aprendizagem e indisciplina dos alunos, a falta de reconhecimento e valorização da profissão por parte da sociedade e remuneração baixa. Porém, apesar dos desafios, fatores de bem estar são mostrados pelas professoras, entre os quais aparece a importância da docência no processo de construção social como uma profissão fundamental da ação e transformação da realidade de seus alunos.

Esta questão foi pensada no sentido de entender a motivação das professoras em trabalhar com o seguimento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e, de certa forma, está colada à escolha da formação em pedagogia. Em relação aos motivos que levaram as professoras a trabalhar nos anos iniciais, suas respostas foram:

P1 - Minha motivação está em ver o aluno avançar, começar como uma tabua rasa e sair mais preparado para o mundo ou realidade que o espera, interpretando, somando. Fico feliz em ver isso.

P2 – Gosto de motivar meus alunos a participar, se engajar de fato no processo de alfabetização, reconhecem a importância do aprendizado.

As respostas apontam que ambas professoras são motivadas pelo motivo de ver seus alunos aprenderem e se capacitarem para o mundo que o cercam, além de poderem contribuir com o aprendizado e avanço de cada um deles. É um gostar da infância e do desenvolvimento inicial da criança em fase escolar. Assim ressalta Bock, Furtado e Teixeira (1999, p.158.): “A motivação está presente como processo em todas as esferas de nossa vida — no trabalho, no lazer, na escola”, logo a motivação é algo singular, subjetivo e pode ser definida pelas professoras como o ato de motivar seus alunos a crescerem em conhecimento nas várias esferas da vida, seja ela no âmbito escolar ou no dia a dia fora da escola.

As professoras mostram acreditar que é por meio da motivação que um professor compartilha seu conhecimento com seus alunos. Assim, compreende-se que um profissional docente, estando motivado, seja por meio do apoio escolar, das políticas públicas que regem a educação, pelo simples fato de ver seus alunos aprendendo a cada dia e pelo núcleo familiar do aluno, entre outros, consegue desempenhar seu papel e promover aos seus educandos a vontade de aprender e participar das atividades propostas em sala de aula.

Conforme os registros das participantes da pesquisa, percebe-se que, tanto para “P1” quanto a “P2”, a motivação tem um papel importante no aprendizado de seus alunos, e que o simples fato de poder ver que suas aulas estão levando os alunos a aprenderem, as mesmas se sentem motivadas a lecionar.

A motivação aos profissionais de educação, principalmente nos anos iniciais é um fator muitíssimo relevante, isto é, um professor motivado tende a executar um trabalho educacional de ensino e aprendizagem com excelência e significância. Logo, a sociedade pode contribuir para a motivação, valorização do profissional de educação, respeito entre outros. Entende-se que a sociedade que valoriza o sistema educacional e seus professores tem mais possibilidades de desenvolvimento, suas chances de progresso são maiores quando comparado a sociedade cuja educação é desvalorizada.

3.2 - O ensino de geografia nos anos iniciais e a formação docente

A seguinte questão teve o intuito de saber se as professoras estavam preparadas para lecionar geografia na sala de aula a partir de seus contextos de formação inicial e/ou continuada. As professoras responderam:

P1 - Acredito que o professor precisa se preparar para cada aula. Ele não nasce preparado. Com um estudo sobre o tema do livro, e também

preparação dos materiais que vai usar nas aulas, se aperfeiçoar na prática de ensinar geografia. O curso de pedagogia ensina mais teorias sobre a disciplina, conceitos básicos e algumas atividades de modo geral. Na prática que é o professor vai construindo seu repertório de atividades de acordo com cada turma e conteúdo a ser trabalhado.

P2 - sinto-me muito bem ensinando geografia, mas reconheço que ainda preciso apreender muito em relação a ela, para que as minhas aulas melhorem.

Nas falas das professoras é notado que ambas concordam que antes de adentrar a sala de aula, se faz necessário todo um preparo acerca dos conteúdos que irão ministrar, além de concordarem que precisam sempre estar se atualizando para poder mediar o conteúdo geográfico com a turma que irá trabalhar. É nesse sentido que os autores Queluz e Alonso (2003, p. 57) vem destacar que “O importante nessa nova situação de aprendizagem em que se coloca o professor é [...] a constante avaliação que o professor faz do seu trabalho, a crítica justa e objetiva que o acompanha, associado ao desejo de acertar, de fazer sempre o melhor.

Assim podemos notar que essa importância, do profissional da educação de se auto avaliar diante de seu trabalho, é de suma notoriedade para seu crescimento na área da educação, de modo a querer sempre fazer o melhor, diante de cada atividade exposta aos alunos.

Apesar das participantes alegarem que gostam de ministrar as aulas de geografia, nota-se certa insegurança em suas falas, enquanto a “P1” alega sempre estar buscando se organizar e melhorar a cada aula, a mesma também nos deixa claro que na formação inicial, na universidade, teve pouco contato com a prática, pois para ela, as aulas teóricas eram as que mais prevaleciam, no entanto, vale citar em sua fala, que “*somente com prática é que o profissional da educação constrói seu repertório de atividades*”, buscando sempre adequar o conteúdo de acordo com cada turma. A “P2” por sua vez, apesar de sentir bem ensinando a geografia, reconhece que ainda precisa aprender e melhorar muito, seu entendimento sobre geografia, não menciona, porém, sua reflexão sobre os aspectos da formação recebida para tal prática.

É possível constatar que ambas as professoras, estão refletindo sobre novos métodos de ensino, com intuito de aproximar a realidade do aluno com aprendizagem de geografia. Nisso, o sucesso do ensino de qualquer conhecimento científico depende bastante do conhecimento e da preparação de quem ensina, assim, o professor deve estar em constante processo de aprendizagem, visando estar mais habilitado para sua função de educador.

O professor de geografia assim como de outras disciplinas precisa estar bem formado e capacitado na sua função docente. A formação é essencial para sua trajetória como professor

de geografia, nisso Lopes (2010, p. 14) afirma que “a profissionalidade dos professores está relacionada, em boa medida, ao grau em que se podem fazer manifestas as teorias implícitas em sua ação. [...] a tarefa dos formadores de professores é ensinar o “jogo de cintura” necessário ao enfrentamento dos desafios da profissão”.

Neste sentido, percebe-se a importância da formação do pedagogo para o ensino de geografia, tanto no seu desenvolvimento intelectual, como no teórico e prático. As professoras colocam que a prática de ensino é essencial para a formação e qualificação do trabalho docente, dessa maneira todo o trabalho voltado ao ensino de geografia será mais eficaz para quem ensina e para quem aprende, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem é considerado uma via de mão dupla, na qual, quem ensina aprende e quem aprende ensina, na visão freireana.

3.3 - Desafios docentes frente ao ensino de geografia

.

A consecutiva pergunta teve o intuito de saber se as professoras gostam de ensinar geografia e quais os desafios que elas enfrentam mediante a esse ensino nos anos iniciais. Com relação a primeira indagação as respostas foram unânimes e afirmativas.

P1 - Sim. Os desafios estão voltados para as aulas práticas, construção de materiais, maquetes e etc. Percebo que me prendo ao livro. Para os alunos que ainda estão no período da alfabetização, a aula se torna mais oral, onde os mesmos são questionados a responder sobre determinado assunto. Tem-se uma conversa sobre os temas estudados, seguido de uma atividade.

P2 – Sim, acredito que o maior desafio está na formação do professor seguido da estrutura física da escola.

Pode-se afirmar que as professoras diariamente enfrentam desafios para ensinar geografia, como falta de recursos pedagógicos, estrutura adequada para o ensino e a ineficiência na formação docente, entre outros. Seus registros remetem entender que muitas vezes o professor só pode contar com sua criatividade e força de vontade, além disso, existem situações que o professor precisa tirar do seu próprio salário, recursos para comprar materiais que deixem a aula de geografia mais atraente e significativa para os alunos.

Chega-se a pensar que até que ponto a educação realmente importa, sabendo-se que os desafios e problemas no processo de ensino existem, mas a questão é saber o que está sendo feito para sanar tais problemas e vencer os desafios. Neste sentido, cabe refletir que

[...] as dificuldades enfrentadas, no dia a dia na sala de aula, constituem-se em um desafio de caráter educativo, que sugere um perene repensar da

prática pedagógica do professor, do projeto político-pedagógico das instituições escolares e dos currículos, das práticas dos cursos de formação de professores e, mais amplamente, das políticas que regem a formação e o desenvolvimento profissional docente (LOPES, 2010, p. 18).

O discurso do governo brasileiro atualmente referente a educação tem sido desolador, a *priori* este fornece a ideia que a educação é primordial, no entanto, a realidade do processo educacional a partir dos discursos e das políticas educacionais mostram descaso e falta de compromisso por parte do governo federal com a valorização e investimento na educação. Os profissionais de educação tem sido taxados como propagadores de “ideologias” contrárias aos valores tradicionalistas religiosos e patriarcais, a classe docente deve trabalhar “por amor à profissão”, entre tantas desvalorizações sofridas, além da falta de investimento do recursos públicos na educação, pelo contrário, há indícios de retiradas de recursos antes previstos, como é o caso de parte do FNDE desviado para outros projetos sociais do governo.

Tal realidade ocorre devido o sistema educacional necessitar de governantes realmente comprometidos com a educação e os princípios éticos na política. Focando no ensino nos anos iniciais, os professores em parceria com a família e sociedade tendem a formar pessoas conscientes socialmente, agindo em conformidade com uma conduta de desenvolvimento e respeito pelo diferente.

3.4 – A participação dos alunos nas aulas de geografia

A indagação teve a finalidade de saber como as professoras avaliavam a participação de seus alunos nas aulas de geografia na sala de aula. As respostas mostram que as professoras estão satisfeitas com suas práticas, já que percebem interesse dos alunos nas aulas de geografia. Assim responderam:

P1 - Participação Oral e escrita nas atividades. Recorte e colagem. Percebo que gostam e se interessam. A avaliação é continua levando em consideração o interesse e participação de cada um nas atividades estabelecidas.

P2 – Eles gostam, percebo interesse, não faltam durante as aulas de geografia, somente em caso extremo.

A participação dos alunos ou a interação deles com os conteúdos é de extrema importância para sua aprendizagem, dessa forma o desenvolvimento do aluno flui de modo mais real e significativo. O aluno pode fortificar o que eu já conhece sobre o conteúdo geográfico trabalhado em sala de aula e agregar novos conhecimentos, a interação entre

professor e aluno, aluno e aluno têm várias consequências promissoras, uma delas é o desenvolvimento de atuar e resolver problemas em equipe, a interação social é extremamente importante no processo educacional.

As práticas mostradas pela P1 aponta relação com o que estabelece o PCN de geografia, quando orienta que o ensino deve estar pautado no cotidiano e na interação com o mundo, estabelecendo articulação entre os conteúdos abordados e o conhecimento dos alunos sobre estes. A prática de ensino da P1 se aproxima do que propõe a BNCC (2018) ao orientar que os conteúdos de geografia nos anos iniciais promovam a interação entre os sujeitos com o ambiente. A P2, entretanto, não menciona sua prática, mas afirma que há interesse dos alunos sobre os conteúdos de geografia ministrados por ela.

A P1, em sua prática, se aproxima do que afirma Carlos (1996) ao definir o lugar a partir dos usos e sentidos que se tem sobre ele, de modo que o lugar engloba a vida social, a identidade e o reconhecimento do sujeito e sua relação o lugar, assim, a concepção de lugar está ligada ao cotidiano.

A criança começa a entender que por meio da socialização com outros sujeitos e ela pode mais facilmente resolver problemas que a cerca e sentir-se mais segura em suas atividades e acolhida no ambiente que a cerca. Dessa maneira, seu desenvolvimento escolar tende acarretar impactos positivos na sociedade, crianças tímidas têm maiores dificuldades em interagir no ambiente escolar, sendo assim, cabe ao professor e outros profissionais da educação ajudá-la a desenvolver-se e a relacionar-se com outros. A prática da P1 remete a ideia de interação e coletividade no processo de ensinar e aprender geografia no espaço escolar.

De acordo com as respostas das professoras, a interação e o interesse dos alunos contribuem de forma satisfatória ao ensino de geografia. As professoras sentem-se satisfeitas com o envolvimento que os alunos possuem em executar as atividades trabalhadas no ambiente escolar, sendo provável afirmar que a interação é um fator essencial no processo de ensino e aprendizagem em suas turmas.

3.5 - Orientações dos documentos oficiais voltados ao ensino de geografia e a prática docente

O seguinte questionamento buscou saber se os conteúdos abordados em sala sobre o ensino de geografia levam consideração as orientações dos documentos oficiais.

Positivamente em suas afirmativas, as respostas mostram que as professoras se pautam nos documentos oficiais, entretanto, seus registros apontam que o material didático utilizado está arraigado nos livros didáticos e que estes já estão de acordo com os documentos oficiais acima questionados, porém estas não mencionam se seus planejamentos tem como base os documentos oficiais citados, nem como organizam sua prática, já que somente se referem ao livro didático.

P1 - Sim. Os Livros usados já vêm com as habilidades que o aluno deve desenvolver em cada conteúdo. Tudo está pautado de acordo com a BNCC, os parâmetros curriculares, Referencial curricular do Amazonas. Nossa pedagoga é bem presente nessa questão de avaliar os planos e ver se os conteúdos estão de acordo com as turmas. Os livros e demais fontes trazem até sugestões de atividades que poderão ser feitas com os alunos.

P2 – Sim, com certeza uso o livro didático e utilizo também outras literaturas relacionadas ao conteúdo.

Com as repostas das professoras é possível afirmar que ambas utilizam em suas aulas livros didáticos que já vêm organizados de acordo as orientações de documentações oficiais em nível nacional, o que remete pensar que não são considerados conteúdos locais específicos que façam parte do âmbito cotidiano dos alunos. Isto é, as professoras seguem parcialmente as orientações ao ensino de geografia nos anos iniciais já que não mencionam de forma específica em suas práticas, que literaturas utilizam nem de forma planejam e organizam. As mesmas entendem a importância de ter uma orientação ao ensino dos alunos, isso mostra que mesmo com todos os desafios citados anteriormente pelas professoras, elas ainda podem contar com orientações e sugestões de como trabalhar e ensinar geografia nos anos iniciais, mesmo que seu principal recurso seja o livro didático.

Nesse sentido, faz-se fundamental conhecer que é necessário ensinar geografia em conformidade com as orientações de documentação oficial, até mesmo com o intuito de considerar a Lei que rege a educação brasileira entre outras. O ensino de Geografia, estabelecido tanto na BNCC como nos PCNs apontam para um ensino que visa a compreensão global mundo de modo os sujeitos formados estejam habilitados a intervirem no mundo em que vivem. O componente de geografia, neste sentido, aponta para “[...] o reconhecimento do Eu e o sentimento de pertencimento dos alunos à vida da família e da comunidade” (BNCC, 2018, p. 355).

O profissional de educação precisa conhecer a legislação que rege educação brasileira, bem como suas diretrizes e orientações, pois estas servem de parâmetros e apresentam os

requisitos de ensino que devem ser seguidos nas práticas pedagógicas com a finalidade de proporcionar uma educação emancipatória e de qualidade.

A maneira como as professoras têm seguidos tais orientações mostram que elas, apesar de recursos escassos, visam a realidade e dificuldades dos seus alunos. Isso é relevante ao processo de ensino e aprendizagem, os profissionais de educação mostram que é imprescindível seguir os parâmetros porque eles abordam condições educacionais de cunho fundamentais ao desenvolvimento da educação.

3.6 - O tempo destinado aos conteúdos de geografia

Em tal questão foi no sentido de entender a organização do tempo destinado para os conteúdos de geografia, as mesmas responderam que:

P1 - O horário de aula do 1º ao 3º ano, no qual atuo, dividi a matéria em 1 vez na semana um tempo de aula, mas nada impede de ela ser trabalhada de maneira interdisciplinar com português e demais disciplinas.

P2 – A disciplina é lecionada uma vez por semana, somente uma aula, 45 minutos.

O tempo de aula é algo que influência bastante na aprendizagem da criança, ou seja, mesmo com as respostas das professoras em conseguir trabalhar com qualidade suas aulas de geografias, surge uma interrogação, o tempo e quantidade de aula na semana é o suficiente para uma aprendizagem significativa como prevêm os documentos oficiais?

Vale lembrar que, em suas rotinas escolares, os professores destinam parte do tempo organizado a sala de aula, chamando a atenção dos alunos e até que os alunos estejam alerta para a disciplina que será ensinada, isto é, em uma aula de 45 minutos possivelmente o professor pode não conseguir desenvolver o conteúdo de forma eficaz. A questão é que o ensino de geografia, muitas vezes não é considerado importante, já que este componente curricular não é cobrado nas avaliações externas, priorizando os componentes de língua portuguesa e matemática. Apesar da P1 evidenciar que a geografia pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, esta não menciona se trabalha ou de que forma isso pode acontecer ou acontece em sua prática. Sendo assim, um dos desafios que as professoras de geografia enfrentam é o tempo de aula ministrada e a quantidade na semana, no mês e por ano. Entende-se que é fundamental contar com o tempo de aula destinado aos conteúdos de geografia, uma vez que tempo de aula e métodos adequados ao ensino e aprendizagem são indispensáveis para formação dos alunos, tendo como base sua relação com o mundo.

3.7 - Práticas pedagógicas que consideram a representação cartográfica

O objetivo dessa questão foi entender o tratamento dado a representação cartográfica nas aulas de geografia por ser um conceito chave neste TCC. A esse respeito, as professoras ressaltaram que a representação cartográfica é trabalhada da seguinte forma:

P1 - Por meio de orientação espacial, construção de mapas simples, como a descrição do caminho de casa até a escola e vice-versa, desenhos da sala, da escola, discussão de legendas quando possível. Uma vez construímos com o 3º ano maquetes de paisagens naturais e modificadas. Os próprios alunos construíram com os materiais recicláveis que trouxeram de suas casas. Mapas complexos, como o do país, podem ser usados com alunos maiores e etc. O campo do conhecimento para o 1º, 2º e 3º anos, fica em torno da família, o bairro. Geralmente os temas são: Os outros e eu, Brincadeiras, Moradias, Tipos de moradias, A escola, O campo e a cidade, Tipos de paisagens.

P2 - Costumo fazer a representação cartográfica apresentando o mapa para os alunos, para que eles consigam compreender a importância do mesmo e qual a sua função e a partir daí produzir suas próprias representações de espaço.

Com base nas respostas das professoras é possível compreender que as atividades que envolvem a cartografia têm a finalidade de fazer o aluno compreender de forma mais real o espaço geográfico. Segundo a professora P1, mapas mais complexos são destinados a alunos com faixa etária maior, ou seja, aqueles inseridos em anos escolares cujo conteúdo remetem a leitura de mapas mais complexos, no caso, 4º e 5º anos e anos posteriores (6º ano em diante) que já possuem um conhecimento mais amplo sobre os mapas, isso com relação as crianças em ano escolar inicial (1º, 2º e 3º anos) que ainda estão em fase de alfabetização), no entanto, a professora P1 mostra preocupar-se com o aprendizado de todos seus alunos, pois em conformidade com sua resposta, ela insere o conceito de mapa mental e o lúdico para o ensino de geografia.

Neste sentido, entendemos que a P1 de alguma forma ampara sua prática no ensino de geografia nos documentos orientativos (PCNs e BNCC) já que tais documentos apontam para a geografia como um componente capaz de levar os estudantes a entender o mundo e a relação dos sujeitos com o ambiente, além de estabelecer uma relação entre a vida e o cotidiano. Estes documentos orientam que o ensino de geografia seja capaz de desenvolver o raciocínio geográfico nos alunos, de modo que estes tornem-se competentes na leitura do mundo e da realidade a sua volta.

A Geografia na Educação Básica tem, sem dúvida, um papel que lhe dá a sustentação para ser objeto de estudo no desenvolvimento do ensino e aprendizagem de crianças e jovens que têm na escola uma instituição que

promova o acesso ao conhecimento. Esse conhecimento carrega uma tradição que é da história dos homens vivendo nos mais diversos lugares do mundo e que resulta da possibilidade, das condições e da capacidade de encontrar e construir lugares para viver as suas vidas, considerando os tempos e espaços (CALLAI, 2017, p. 1).

Pensando com Callai (2017), a P1 busca trabalhar o desenvolvimento do conhecimento geográfico de modo que estes possam interagir e compartilhar seus conhecimentos geográficos a partir de suas vivências e experiências cotidianas. Entretanto a P2 não aponta que seus alunos são desafiados a construir seus próprios mapas geográficos, dos lugares que eles já possuem conhecimento, de modo a levar as crianças a desenvolverem a imaginação, criatividade e a percepção de espaço, é relevante que a criança tenha essa noção de espaço, ao contrário, sua resposta emite entendimento que sua prática está colada nos aspectos da memorização, mesmo que, de alguma forma, esta faça um esforço para relacionar os mapas a região onde os alunos estão inseridos.

Com relação ao modo como a representação cartográfica é trabalhada nas aulas de geografia ministradas pela professoras. As mesmas responderam:

P1 - Como atuo mais no 1º e 2º ano geralmente o mapa feito é o da escola, o caminho que fazem e etc. Além de pinturas de mapas.

P2 – Costumo fazer o desenho do mapa do Brasil no quadro, destacando o Estado do Amazonas e a cidade de Humaitá numa frequência quase que diária, para que os alunos compreendam a questão espacial dos bairros onde residem. Os mapas são utilizados nos dias das aulas de geografia.

De acordo com as respostas das professoras P1 e P2 os mapas são utilizados para ensinar aos alunos a localidade da escola, os estados brasileiros e a região onde residem. Os alunos são direcionados a construir ou desenhar o mapa da escola, como também do país. Dependendo da forma como tais conteúdos são abordados, a atividade pode aguçar o interesse da criança e sua curiosidade. Sob mediação do professor, o aluno consegue realizar e executar atividades práticas e refletir sobre elas a partir de seus conhecimentos prévios, de mundo. Nisso pode-se afirmar que, “Educar é o modo de contribuir para que os sujeitos se tornem humanos, o que acontece desde o nascimento e que na escola passa a ter a dimensão de sistematização do conhecimento de modo a ter elementos para interpretar e compreender o que acontece no mundo” (CALLAI, 2017, p. 1).

3.8 - A representação cartográfica na percepção docente

No sentido de entender a percepção das professoras sobre representação cartográfica, a última questão mostra que estas, de certa forma, se apropriaram do conceito no âmbito do componente curricular de geografia, assim responderam:

P1 - A cartografia auxilia a geografia, porque é a ciência que estuda os mapas. Geralmente nos livros tem os mapas, que devem ser lidos, representados pelos alunos. Por meio dos diversos tipos de mapas, escalas, desenhos, legendas, orientações o aluno pode ler o ambiente geográfico em que se encontra. Tudo o que serve como orientação, representação de algum lugar ou algo está incluso na ciência da cartografia.

P2 – Está relacionada a metodologia e técnicas da cartografia utilizadas para representar os espaços por meio de mapa (espaço geográfico).

Em conformidade com as respostas das professoras P1 e P2 é possível afirmar que elas conhecem a função da cartografia como ferramenta ou auxílio ao estudo da geografia. Um profissional de educação tem por obrigação e direito saber de maneira consciente o seu campo e área de estudo ou profissional, devendo manipular o máximo possível a compreensão da sua área de docência, um professor jamais pode saber menos que seus alunos, e para isso existem o processo de estudo e qualificação continuada, já que, de acordo com Callai (2017, p. 1), “A proposta de Geografia se caracteriza por trazer a dimensão científica da ciência para a dimensão da escola”.

O conceito da Cartografia é definido no Manual³ de Cartografias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE como um “conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização” (p. 6).

Vale salientar que a cartografia é um dos conteúdos a ser trabalhado no componente curricular de geografia nos anos iniciais pois, como expressa Callai (2017, p. 8) a cartografia torna-se indispensável no estudo de Geografia pois contribui no desenvolvimento de “noções de orientação, de localização e o formato da terra, seus movimentos e consequências”.

As respostas das professoras P1 e P2 aparecem coerentes com as definições acima postas e, de certa forma, mostram que estas possuem conhecimento sobre a função de cartografia no processo escolar. Conhecer a cartografia aponta que as professoras estão

³Manual disponível no site: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/ManuaisdeGeociencias/Nocoos%20basicas%20de%20cartografia.pdf>

cientes da importância da representação cartográfica no desenvolvimento do pensamento geográfico dos alunos, já que, “a proposição de ler espacialmente a realidade e a intenção de que os alunos entendam o espaço em que vivemos, realizada através da situação geográfica, pode ser considerada inovadora para o trabalho em sala de aula” (CALLAI, 2017, p 8-9).

Talvez tenha faltado, por parte das professoras questionadas, detalhar mais os procedimentos que estas usam em suas práticas pedagógicas para ensinar a geografia e como estas atribuem a representação cartográfica para que se efetive a relação mundo, vida e cotidiano. Para tal prática, a formação docente é necessária, pois esta pode ajudar a definir o modo como os professores dos anos iniciais, de forma geral, tenham clareza sobre o conceito de representação cartográfica e, a partir disso, consigam organizar os conteúdos de forma coerente, assim, possam levar seus alunos a desenvolverem os conhecimentos geográficos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta norteadora desta pesquisa inicialmente deu-se a partir da reflexão sobre como ocorre o Ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Humaitá, com ênfase na Representação Cartográfica.

Logo após, foi feito o estudo da contextualização histórica do Ensino de Geografia no Brasil, assim como, o Ensino de Geografia é aplicado na Rede Pública e os conteúdos trabalhados no Ensino Fundamental I. Neste sentido buscamos subsídios legais nos PCNs e BNCC e autores que versam sobre o tema, de modo, a compreendermos os conteúdos que orientam as diretrizes do Ensino de Geografia, tendo como foco principal aqueles relacionados à cartografia – leitura e interpretação de mapas.

Para tal levantamento foi realizado uma pesquisa qualitativa de modo a traçar os caminhos necessários capazes de responder os questionamentos que nos deram alicerces para conclusão desta pesquisa. Permitindo analisar por meio das respostas das participantes, como estão sendo ministradas as aulas, que recursos utilizam para instigar os alunos no ensino aprendizagem da representação cartográfica no contexto escolar.

Ao analisarmos os dados coletados junto aos sujeitos da pesquisa, foi perceptível compreender que apesar de todos os percalços enfrentados em sala de aula, o Ensino de Geografia segue em evolução constante. Apesar dos poucos recursos disponibilizados, as professoras tentam introduzir em suas aulas os conteúdos sugeridos, como a representação cartográfica.

As respostas dadas pelas professoras questionadas mostram que ambas, de certa forma, compreendem o papel da geografia no escolar como uma ferramenta de transformação social, já que este componente curricular serve para a reflexão sobre a relação entre os sujeitos e o mundo que o cerca. Ambas professoras se dizem realizadas com a docência e se dizem preparadas para ensinar os conteúdos de geografia, além de afirmarem conhecer e pautar sua prática nos documentos oficiais/legais que direcional e amparam a educação escolar brasileira, bem como afirmam acompanhar a aprendizagem de seus alunos.

A falta de recursos didáticos e de infraestrutura comprometem a boa prática pedagógica e dificultam o ensino da geografia na rede pública de ensino. No que tange ao tempo disponibilizado para o ensino de geografia em sala de aula, este é um fator

preocupante, pois a disciplina de geografia acaba sendo suprimida em função da cobrança sobre disciplinas essenciais como língua Portuguesa e Matemática, sendo que não há direcionamento para atividades interdisciplinares entre estes componentes curriculares. Apesar disso, as professoras tentam contornar as dificuldades no intuito de ter maior aproveitamento no ensino/ aprendizagem de seus alunos.

Desse modo, com abordagem realizada por meio dos questionamentos feitos as docentes, foi possível averiguar que ambas têm conhecimento sobre a representação cartográfica no ensino de Geografia, entretanto, não ficou evidente a forma como estas planejam e aplicam tais práticas no contexto de suas aulas. Em função da pandemia por coronavírus, a observação de aulas e/ou do caderno de planejamento das professoras não ocorreu, o que pode ter prejudicado de alguma forma esta análise. Talvez, tais procedimentos poderiam auxiliar no desdobramento das análises.

Este Trabalho de Conclusão de Curso não esgota o tema, bem como suas análises não são consideradas “verdades absolutas”, pelo contrário, trata-se de uma pesquisa inicial e outros questionamentos, outros olhares, novas interpretações poderão ampliar esse universo estudado.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M.E.D. **Perspectivas atuais da pesquisa sobre docência**. São Paulo: Escrituras Editora, 1999.
- AFFONSO, A. Comendador Monteiro: **troncos e ramagens**. Manaus: Valer, 2004.
- BREDA, T. V. “**Por que eu tenho que trabalhar lateralidade?**”: experiências formativas com professores dos anos iniciais. Campinas, 2017.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O., TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª ed. São Pulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> > Acesso em: 20 de setembro. 2020.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia, ensino de primeira à quarta série**, Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.166p.
- CALLAI, H. C. Base Nacional Comum Curricular Geografia: Leitor crítico da área de Geografia. **Relatório Analítico**. Parecer elaborado Janeiro de 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorianaliticos/Parecer_9_GE_Helena_Copetti_Callai.pdf. Acessado em 12 de Nov. 2020.
- CARLOS. A. F. A. **O lugar no/do mundo**. FFLCH São Paulo, 1996.
- CASTELLAR, S. M. V. **A alfabetização em geografia**. Ijuí, 2000.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências e sociais**. 9ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERNANDES, M. J. da S. **A geografia como disciplina escolar: breve trajetória**. [S.I.], [2020?] Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/54/A%20Geografia%20como%20Disciplina%20Escolar%20Breve%20Trajet%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.
- GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 4º ed. Alínea, 2007.
- GALIAN, C. V. A. Os PCN e a elaboração de propostas curriculares no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. v. 44 n.153 p. 648-669 jul./set. 2014.
- LOPES. C. S. **O professor de geografia e os saberes profissionais: o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade**. (Tese) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- QUELUZ, A. G.; ALONSO, M. **O trabalho docente: teoria e prática**. 2ed. São Paulo: Pioneiro educação, 2003.
- LOPES, A. R. C.; RICHTER, D. A Construção de mapas mentais e o ensino de geografia: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares. **Revista Territorium Terram (RTT)**. V. 02, Nº 03, p. 2-12 | Out./Mar. - 2013/2014.
- SMITH, C. & STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z. Um guia completo para pais e educadores**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SANTOS, M. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 174 p.

WIZNIEWSKY, C. R. F. **Geografia I**. 1 e-book. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

Sites Consultados:

Acesso em 19/10/2020 às 14:00min. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amazonas/humaita.pdf>

Acesso em 19/10/2020 às 15:21min. <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/78/>. Acesso em 11/10/2020 às 12h.

Acesso em 19/10/2020 às 16:21min. <https://www.cpt.com.br/pcn/parametros-curri>. Acesso em 12/10/2020 às 9h21min.

Acesso em 20/10/2020 às 16:21min. <https://pedagogiaaopedaletra.com/ldb-e-pcn-uma-visao-legal-sobre-a-educacao-brasileira/>.

Acesso em 20/10/2020 às 16:21min. <https://www.escol.as/7499-escola-municipal-edmee-monteiro-brasil>

Acesso em 20/10/2020 às 14: 22 min. <https://educador.brasilescola.uol.com.br/orientacoes/o-ensino-geografia-no-brasil-ao-longo-historia.htm>.

Acesso em 19/10/2020 às 13:23min. https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp